

Vozes das Comunidades

Um jornal feito
pelas comunidades
a serviço
das comunidades

Setembro de 2022
Ano XVIII - Nº 16

Mais
de 33
milhões
de pessoas
passam fome
no Brasil



Ilustração: Thiago Venturotti

PÁGINA 3

PÁGINA 5

TRANSPORTE:

Estrutura precária prejudica usuários de transporte público

PÁGINA 8

EDUCAÇÃO:

Os desafios da educação: pandemia e cortes no orçamento

PÁGINA 12

CULTURA:

Hip-hop e teatro como ferramentas de luta e transformação

EDITORIAL

Foto: Rondinele Barbalho



Primeira turma do Curso de Comunicação Popular do NPC

VOZES das Comunidades

O jornal Vozes das Comunidades surge da necessidade dos alunos de comunicação popular do Núcleo Piratininga de Comunicação (NPC) escreverem matérias sob uma perspectiva pouco discutida pela grande mídia. Os alunos formados pelo NPC, com o apoio dos professores e coordenadores do curso, discutem temas importantes na sociedade e se organizam para escrever e desenvolver reportagens que tratam de assuntos do nosso cotidiano.

O Vozes teve seu primeiro exemplar no ano de 2004 e neste ano de 2022 levanta questões acerca da pandemia da COVID 19 e as consequências no cotidiano da população. A pandemia deixou marcas profundas na sociedade. Nesta edição, discutimos como a crise gerada tornou

ainda mais vulnerável famílias que antes já viviam no limite da pobreza. Também apresenta matérias sobre política, transporte, arte, educação, economia e muito mais!

Há alguns anos distribuímos esse jornal durante o Grito dos Excluídos, que acontece no dia 7 de setembro, e é o grito daqueles que se sentem excluídos da comunicação da grande mídia e buscam alternativas.

Este jornal é uma união de forças de quem acredita que a comunicação pode ser feita de forma justa e honesta com quem lê. Nosso trabalho vai muito além dessas páginas. Venha nos conhecer melhor no nosso blog.

Dê sua opinião! Acesse: vozesdascomunidades.org

CHARGE

Niara



Vozes Das Comunidades

JORNAL LABORATÓRIO DO CURSO VITO GIANNOTTI DE COMUNICAÇÃO POPULAR

Rua Alcindo Guanabara, 17, sala 912 - Centro - Rio de Janeiro - RJ

Site: nucleopiratininga.org.brBlog: vozesdascomunidades.orgContatos: npiratininga@piratininga.org.br

(21) 2220-4895 / 99628-5022 / 99628-3667

Turma 2022

Coordenação: Aneci Palheta, Luisa Vieira Souto e Claudia Santiago

Diagramação: José Carlos Bezerra

Professores: Adriana Medeiros | Afonso Celso | Ana Lucia Vaz | Beatriz Pasqualino | Camila Maciel | Clara Polycarpo | Claudia Santiago | David Amen | Douglas Heliodoro | Euro Filho | Fernanda Pernasetti | Flavio Carvalho | Inessa Lopes | Gizele Martins | Jessica Santos | Luz Angela | Marcelo Hernandez | Michel Silva | Palloma Menezes | Pedro Barreto | Pedro Henrique Braga | Raquel Junia | Sheila Jacob | Sonia Fleury | Tatiana Lima | Verônica Vélez | Victor Barreto | Wolney Malafaia.

Agradecimentos: Sinpro-Rio | Ocupação Manoel Congo e Tuia Café Cultural | Dicionário de Favelas Marielle Franco e Fiocruz | Armazém da Utopia | Jornal Fala Roça | Ana Paula Zaquieu e Museu da República | Museu de Arte do Rio (MAR) | Jardim Botânico do Rio | Sepe-Lagos | Lidiane Mosry.

Equipe: Alexandre Santos Lourenço | Ana Cristina da Silva | Augusto da Cruz Rosa | Bruno Müller | Camila Haddad de Monteiro Marinho | Charlie Gomes da Silva | Daniela Araujo | Davi Cidade | Gabriela Venancio Jesus | Jessica Dutra Silva | José Ivo De Medeiros Moraes | Joseilton Soares Mendes | Julia Labanca | Juliana Elianay | Kênia Rosa Cardoso | Laís Ferreira da Costa | Laís Pinheiro de Moraes | Luiza Rocha da Silva | Marcia Santos | Maria Angélica Souza Bueno | Maria Eldeane Sobral de Sena | Marli Rodrigues da Silva | Marluce Lopes | Matheus Luiz Chagas da Silva | Narcisa Maria da Conceição | Patrícia Batista da Silva | Rafael de Lima Arcanjo | Ricardo Malagori | Rita Cristina Valente de Oliveira | Rodrigo da Conceição Pereira | Shenyha da Conceição Silva | Stephanie Vitorino Rossi | Thais Godinho Fagundes | Thiago Venturotti | Vania Regina Farias | Vitor Mariano Rosa Junior.



Esta publicação foi realizada pelo Núcleo Piratininga de Comunicação com o apoio da Fundação Rosa Luxemburgo através de fundos do Ministério Federal para a Cooperação Econômica e Desenvolvimento da Alemanha (BMZ).



DESIGUALDADE SOCIAL

INSEGURANÇA ALIMENTAR

A fome volta a ser o inimigo número 1 do brasileiro

Brasil voltou para o mapa da fome da ONU

Por Davi Cidade e Orquídea de Aço

Maria é empregada doméstica, tem dois filhos e marido que trabalha num emprego informal. Maria batalha, malha o preço da feira, mas tem sido constantemente assaltada! SABE ONDE? No mercado!

Antigamente, o que dava para fazer uma comprinha, hoje em dia, mal dá pra comprar o bruto da casa. Assim como milhões de brasileiros, Maria tem visto a dispensa se esvaziar e sentido a crescente dificuldade de colocar o pão na mesa.

Maria e sua casa estão em situação de Insegurança Alimentar (IA).

Em 2022, 125,2 milhões de brasileiros estão nessa situação. E dentre esses, mais de 33 milhões não têm absolutamente nada para comer!

Mais da metade do Brasil, assim como Maria, tem como preocupação principal comer. E isso nos joga NOVAMENTE no mapa da fome da Organização das Nações Unidas (ONU).

Nosso país voltou para o mapa desde 2018, mas durante a pandemia de COVID-19, a situação se agravou. E muito!

Segundo o segundo Inquérito Nacional sobre insegurança alimentar no contexto da pandemia do COVID-19, da Rede PENSSAN ((Rede Brasileira de Pesquisa em Soberania e Segurança Alimentar e Nutricional) houve um aumento de 60% da população nessa situação desde 2018.

Esse aumento tem como causa não só a COVID-19,

mas também encerramento de políticas públicas de alimentação e nutrição.

Em 2019, por exemplo, houve a extinção do Conselho Nacional de Segurança Alimentar e Nutrição. Ainda, o baixo investimento em iniciativas como Programa Nacional de Aquisição de Alimentos (PAA), somados às velhas desigualdades sociais, são o combustível da fome no Brasil.



Ricardo Chicarelli/2012

A fome tem cara, cor e gênero!

Nos lares chefiados por outras Marias brasileiras, a fome subiu de 11,2% para 19,3% (8% de aumento), enquanto que em lares chefiados por homens, o aumento foi “apenas” de 4%. Esse dado, também do Inquérito

de insegurança alimentar, indica a desigualdade salarial entre homens e mulheres.

A alimentação passa pela esfera do cuidado familiar, lugar reservado às mulheres ao longo da história da colonialidade do patriarcado. O que nos acende um alerta no que diz respeito à ques-

tão de gênero é todo o cenário subalternizado onde mulheres acumulam diversas funções. Elas precisam prover o sustento!

Nesse contexto de fome e desespero, temos ainda o processo eleitoral em 2022. Será que os futuros líderes da nação poderão reverter essa situação?

MORADIA E DIREITO À VIDA

Rio de Janeiro tem déficit habitacional de 220 mil famílias

Queremos moradia para a verdadeira democracia

Por José Ivo Morais, Marluce Lopes, Maria Eldeane Sena, Shenya Silva

No final de 2019, a cidade do Rio de Janeiro contava com aproximadamente 15 mil pessoas em situação de rua, segundo dados oficiais. Já o Censo 2010 apontava para um déficit habitacional de 220 mil famílias na cidade. Outras 200 mil fa-

mílias moram em domicílios inadequados, isto é, em moradias com adensamento excessivo, mais de três pessoas por dormitório ou sem banheiro ou acesso à rede de esgoto, água, coleta de lixo ou eletricidade. Será que a democracia é para todos?

Já temos isso garantido pela nossa constituição. O Art. 6º diz: *São direitos sociais a educação, a saúde, a alimentação, o trabalho, a moradia, o lazer, a segurança, a previdência social, a proteção*



Foto: José Ivo Morais

à maternidade e à infância, a assistência aos desamparados, na forma desta Constituição.

PORQUE CUMPRIR A LEI É TÃO DIFÍCIL?

Os movimentos de Moradia são importantes para forçar o poder público a cumprir a nossa constituição. Temos vários movimentos de Moradia FIST, CMP, MLB, UNIÃO POR

MORADIA, POVO, MNLM. Movimentos que tentam organizar o povo, e levar esperança para pessoas que na maioria das vezes são expulsas do seu território pela seca, trabalho, violência ou pobreza.

Durante a pandemia, esses movimentos mostraram sua força. Eles se organizaram para a luta nesse período contra o vírus da

Covid-19, contra a fome e o desemprego.

Há várias iniciativas como a cozinha coletiva no quilombo da Gamboa, uma biblioteca popular na ocupação Almirante João Cândido construída pela autogestão dos moradores e colaboradores. Essas iniciativas mostram que a união do povo pode mudar a realidade do nosso Brasil.

TRABALHO

INFORMALIDADE CRESCENTE

Desemprego em queda, fome em alta

Melhora no índice de desemprego, segundo o IBGE, contrasta com a volta do Brasil ao Mapa da Fome da ONU

Por Alexandre Lourenço

Os números que aparecem na TV e nos jornais representam muito mais do que ganhos ou perdas percentuais. Refletem vidas. Dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD Contínua), divulgados em 12 de agosto, anunciam que a taxa de desemprego reduziu em 22 estados no 2º trimestre de 2022, comparando com o trimestre anterior. Nos outros cinco estados houve estabilidade. A queda na desocupação em nível nacional caiu de 11,1% para 9,3% nesse período.

Quem lê a notícia pensa que, após dois anos de pandemia, o país volta a oferecer condições dignas para o povo. Os trabalhadores têm outra percepção da realidade. Eles sentem que seu dinheiro compra cada vez menos no mercado. Eles vêem o número dos moradores de rua crescer a cada dia, as multidões revirando lixeiras e as filas cada vez maiores de pessoas em busca de emprego, ou doação de alimentos.

VOLTA AO MAPA DA FOME

Apesar dos números positivos em relação ao desemprego, o Brasil voltou a figurar no Mapa da Fome, fato que não acontecia desde 2015. Mais de 61 milhões de brasileiros enfrentam dificuldades para comer e deses, 15 milhões passam fome.

Parece contraditório, mas é verdade. O Brasil tem queda recorde no desemprego, mas o país volta a integrar o Mapa da Fome. Salário corroído pela inflação, aumento de trabalhadores informais.

“A gente não toma café da manhã faz tempo. Hoje eles comeram um biscoito que veio na doação, mas amanhã já não tem mais”, conta P, uma mãe solo, da Favela da Maré que pede para não ser identificada. Ela tem dois filhos e não consegue trabalho desde que engravidou do mais novo, há pouco mais de dois anos. Ela complementa os 400 reais que recebe como beneficiária do Auxílio Brasil vendendo bolos de pote e lavando roupa pra fora.

Entre tantos números e estatísticas, P. aparece nas pesquisas do IBGE como uma desalentada, um dos quase cinco milhões em idade de trabalhar que desistiram de procurar emprego.



Foto: Pedro Ventura/Agência Brasil

Pelos critérios da pesquisa, ela não se enquadra como desempregada, pois não está procurando nova colocação no mercado de trabalho. “Será que é por isso que dizem que tem menos desempregado?”, pergunta P, com a sabedoria de quem sente o problema na pele.

A HISTÓRIA SE REPETE

Outro brasileiro que sente na pele essa contradição é Marcelo Bredas, 31 anos, morador da Penha. Engenheiro de formação, Marcelo perdeu o emprego há dois anos e foi despejado do apartamento na Tijuca, onde morava com a esposa e o casal de filhos. “Só não tô morando na rua porque voltei pra casa da minha mãe”, conta, se sentindo sortudo. Atualmente, Marcelo trabalha como entregador ciclista. Diz que tentou ser Uber, mas desistiu por causa da pressão para cumprir as cotas diárias e a insegurança. Pergunto do desgaste e do risco de acidentes no trabalho sem carteira assinada e a resposta vem logo. “Eu tenho mulher e dois filhos pra criar. Ainda ajudo minha mãe, que recebe uma miséria de pensão.”

P. e Marcelo explicam e sentem na carne as contradições dos núme-

ros frios. O número de desempregados diminuiu, mas isso não significa melhoria na vida do povo mais pobre. Significa que muita gente desistiu de procurar emprego e se sujeita à precariedade da informalidade para se sustentar. São quase 40 milhões de brasileiros nessa situação. Quem trabalha com a carteira assinada não está em situação melhor. Desde a sua criação, o Real já perdeu 86% do seu poder de compra, sendo 30% nos últimos cinco anos, de acordo com índices que medem a inflação oficial.

Hoje, o brasileiro compra apenas dois terços do que comprava. Essa mudança afeta especialmente as famílias mais pobres. Elas sentem mais os efeitos da inflação porque está nos produtos e serviços que a população mais consome no dia a dia: comida, gás de cozinha, energia elétrica e aluguel.

Emprego precário, informalidade e desalento são o retrato do trabalho no Brasil em 2022. Mais que as pesquisas e levantamentos, as vidas de P e Marcelo mostram como a pandemia e a incompetência do poder público têm contribuído para um cenário de miséria e fome, sem perspectivas de melhora a curto prazo. O bordão “quem tem fome tem pressa” nunca foi tão apropriado.

TRANSPORTE PÚBLICO

DESAFIOS DA MOBILIDADE URBANA

Metrô da estação da Cinelândia lotado

Foto: Patrícia Batista



CRÔNICA: O MOVIMENTO DIÁRIO DE UM DESAFIO CONTÍNUO

**Por Laís Ferreira,
Patrícia Batista,
Stephanie Vitorino**

Ainda bem cedo, Izaque se levanta e organiza a sua rotina. As cinco já é hora de acordar. Ele precisa chegar a Ipanema, é lá onde trabalha. Nas ruas, ainda pouco movimentadas, dá início a sua viagem, como de costume. Sentado, na bicicleta de segunda mão que comprou para encurtar a ida até o ponto de ônibus, percebe que arrematar a “magrela” foi uma boa escolha.

Daí em diante, o rapaz segue todo o trajeto em pé: no ônibus, trem e metrô. É um tal de vai e vem! Esse esquema facilita a sua chegada no serviço - é mais rápido -, mas investe alto na rota escolhida e, no final do mês, complica seu orçamento. Imagina só, se o sagaz não fizesse isso, sairia às 4h de casa para começar a peregrinação no transporte público.

Bom, o empregador define o valor do vale transporte (VT). Logo, é o saldo no cartãozinho que aponta o trajeto, quando deveria ser o contrário. O trabalhador conhece seus caminhos e como passar por eles. Mas a gente vê que

o mercado não está fácil. Por isso, Izaque se desdobra para manter o emprego. No lugar dele, eu faria o mesmo!

Na carteira, o dinheiro é quase contado, assim o desfalque no orçamento é um pouco menor. Precisa sobrar alguns trocados para uma emergência e, às vezes, para o amendoim, que é “o passatempo da viagem” - mas isso é conversa de ambulante de trem. Devo confessar que o marketing nos vagões está cada vez melhor.

O que não melhora são os problemas nos coletivos. De manhã é atraso e mudança no horário. De tarde é metrô e trem ainda mais lotado, com direito a revezamento de avaria: ora no veículo, ora com a longa espera entre uma estação e outra para liberação do tráfego - e lá se vão exaustivos 30 minutos de espera.

COMO AGUENTAR TANTO DESGASTE? O POVO SOFRE!

O trabalhador já correu na estação; viveu empurrar empurra e viu trem vazio lotar em segundos; se sentiu agraciado e viu seu

Estrutura precária prejudica usuários do transporte público do RJ

Passageiros enfrentam lotação, engarrafamentos e atrasos todos os dias

A realidade vivida por Izaque Conte Rossi não é um caso isolado. A história do trabalhador de 32 anos, morador de Nova Iguaçu, representa a de outros passageiros da Baixada Fluminense e das regiões periféricas do Rio. Os desafios para chegar nas áreas centrais da metrópole carioca fazem parte da rotina para ir e voltar do trabalho, da escola e de locais de esporte e lazer.

A falta de gestão do sistema é o principal problema, de acordo com Pedro Bastos, analista de transporte público do Instituto de Transporte e Desenvolvimento (ITDP Brasil).



Reprodução da Internet: Monitor Mercantil

esquema ruir. No pique de dança das cadeiras, quem corre primeiro consegue sentar e ganha a brincadeira. Ocupar esses espaços é mesmo um ato de resistência!

O sistema mexe para lá e para cá, mas o esquema caótico de transporte do

PASSAGEM MAIS CARA, MENOS DINHEIRO NO BOLSO

Em 2015, o Congresso Nacional definiu a mobilidade como um direito social, com a Emenda Constitucional 90/15. A decisão pretende garantir a condição de ir e vir, mesmo que as empresas não lucrem com a prestação de serviço. A mudança constitucional viabiliza a criação de políticas públicas e a destinação de recursos para os transportes.

SERVIÇO RUIM AFETA VIDA SOCIAL, SAÚDE FÍSICA E MENTAL

A realidade diária e exaustiva estimula o surgimento de problemas na saúde física e mental. “Só é possível suportar isso quando compensamos o tempo perdido. São mais de cinco horas por dia dentro de coletivos, momento em que posso descansar um pouco antes de chegar no trabalho, caso encontre lugar. Na volta para casa, se estiver sentado, consigo cochilar, ver notícias no celular, ouvir música ou assistir filmes e séries”, diz Izaque Conte Rossi.

Pedro Bastos alerta que muitas horas em um ônibus velho, lotado e desconfortável, com motor barulhento que usa mais combustível do que deveria e elimina ainda mais gases, representa a exposição à maior poluição sonora e do ar, comparado às pessoas que não vivem nessas

condições. Além disso, é possível desenvolver doenças psicológicas, provocadas pelo estresse na viagem, irritação e até pelo calor em veículos sem ventilação adequada. Esses fatores contribuem com a depressão, de acordo com o especialista.

REIVINDICAÇÃO, DIREITO E CONDIÇÕES DE MUDANÇA

O tempo excessivo é causado pelo engarrafamento. O especialista explica que a causa do problema tem relação com as políticas de transportes, enquanto a superlotação está ligada ao financiamento do sistema. Para amenizar o congestionamento, deve-se criar faixas preferenciais para os veículos que transportam mais pessoas, como é feito nas ciclovias, para as bicicletas.

Questionado sobre uma possibilidade de melhoria, Izaque menciona que, como usuário, não consegue imaginar uma mudança real devido ao custo que daria ao Estado. No entanto, afirma que, no caso da Baixada Fluminense, os veículos sobre trilhos têm alto potencial para viagens de grande distância. “Essa é uma alternativa para transformar a realidade do Izaque e dos demais trabalhadores periféricos”, finaliza o especialista.

A tarifa está caríssima, não tem precisão no horário e os veículos não são suficientes para atender dignamente o público. Não faz sentido.

É preocupante imaginar que para quem depende do transporte público, a melhora pode se tratar de uma fantasia.

Rio não sai do lugar. O que atinge a Baixada e a periferia, porque o Izaque vai em pé de Nova Iguaçu até a Central do Brasil. Alô Supervia, vê se dá um fresco para esse homem e os milhares de passageiros que dependem desse transporte!

MEMÓRIA

MEMÓRIA, RESISTÊNCIA E LUTA NO RIO DE JANEIRO

Reflexos do Rio de Janeiro: Memórias talhadas na pedra e apagadas nos vidros

O Rio é uma cidade que teima em não ter sua história apagada

Por Daniela Araujo

“... parimos a macumba em solo carioca, seja como reivindicação de uma noção que compreenda uma experiência de ritos codificados no contexto urbano da cidade do Rio de Janeiro ou como política, amálgama de sabedorias ancestrais que inscrevem a vida enquanto possibilidade criativa e de quebra de desencanto.” (Luiz Antonio Simas, 2021)

Ser carioca é chegar da janela, qualquer janela, e procurar o Cristo, enfatizava a propaganda de um shopping da zona sul carioca dos anos 2000. Uma excelente estratégia de marketing para quem considera a zona sul da cidade a própria cidade, ignorando as favelas e demais municípios da região metropolitana considerados cidade dormitório. Sim, dormitório, pois neles vivem ou apenas dormem os milhares de trabalhadores que limpam, servem, vendem e atendem toda sorte de turistas e os mitológicos “cariocas da gema”, como se denominam os nascidos na cidade quando filhos de pais nascidos nela.

Pertencer a esta terra, portanto, é mais do que a possibilidade de uma vista tida como privilegiada, é poder circular por ela e voltar vivo. É não ser “confundido” pela polícia por

ser jovem e negro. É perceber a memória por trás das camadas de tintas, terra e cimento.

O PORTO DO RIO DE JANEIRO

Saindo do Museu de Arte do Rio (MAR) situado ao lado do Museu do Amanhã e do trecho da zona portuária que tomou um “banho de loja”, quem sabe de uma loja do mesmo shopping da zona sul da propaganda, uma curta caminhada revela a Pedra do Sal literalmente talhada à mão por negros escravizados. Memória esculpida à sangue que teima em não ser apagada.

A escadaria dá acesso ao Morro da Conceição marco da inicial da fundação da cidade, um lugar de moradia daqueles que resistem à especulação imobiliária que o capital impõe ao redor escondendo, com seus arranha céus espelhados, a história que se deseja apagar com estratégias de folclorização e branqueamento. Há que ter energia para subir, força para encarar a escadaria e toda história de luta de cada degrau da construção histórica que ainda resiste.

O OUTRO LADO DO MORRO

No outro lado do morro, a descida suave pelos Jardins Suspensos do Valongo nos lembra que o prefeito Pereira Passos deixou ali sua marca de apagamento. Conter encostas, abrir avenidas ou



Foto: Daniela Araujo

Cais do Valongo

construir parques olímpicos seguem sendo argumentos vendidos e comprados pelos donos do capital para seguirem o processo de gentrificação que continua expulsando a classe trabalhadora para longe das áreas valorizadas da cidade.

Gentrificação é um fenômeno que afeta a população empobrecida de áreas da cidade, devido à especulação imobiliária que ao criar interesse por este território começa a valorizar o território. Ao investir em obras e empreendimentos de valorização como saneamento, espaços de lazer, comércios ou empresas, começa a ser forçada a se retirar de seu território esses moradores aos poucos são forçados a buscar um lugar mais longe onde possa ter condições de sustentar

Bem na descida do Valongo fica a casa da Tia Ciata que permanece em pé. Mais uma vez a teimosia de resistir ao apagamento das memórias fundadoras desta terra. Mais alguns passos e lá está o Cais do Valongo, lugar da chegada dos escravizados, construído para tirar das vistas da sociedade imperial local a dureza de olhar tantos corpos sendo despejados. Estes, antes, chegavam no porto que hoje conhecemos como praça XV. Se os vivos já eram difíceis de tragar, os mortos traziam consigo o cheiro da vergonha cristã.

Mas a memória teima em não ser apagada por completo, o trabalhador que construiu a cidade teima em ocupá-la desde o tempo da escravização oficial até os dias de hoje.

Se a cada projeto urbanístico nossos vales longos são

soterrados seguimos talhando pedras. Talhamos pedras mantendo vivas as memórias de lutas e resistência do povo negro. Talhamos resistência ao buscarmos vestígios dos povos originários, os primeiros a serem dizimados pelos invasores e talhamos coragem quando, através da comunicação popular, negamos a narrativa única dos grandes meios de comunicações e dos historiadores eurocêtricos que teimam em criminalizar nossos encantos e mandingas...

Mal sabem eles que somos forjados na cultura das frestas e onde houver uma entraremos com nossa ginga para disputar cada narrativa e cada espaço desta cidade cheia de histórias, dessa cidade complexa e impossível que segue sendo mesmo à contrapelo das forças dominantes.

MEMÓRIA

MEMÓRIA, RESISTÊNCIA E LUTA NO RIO DE JANEIRO

Protagonistas de sua própria história

Preservar a memória é uma importante forma de resistência nas favelas cariocas.

Por Ana Cristina da Silva e Matheus Luiz

Das comunidades que sofreram as maiores chacinas policiais da história da cidade, Jacarezinho e Vila Cruzeiro, ainda não possuem museus. Apesar da oralidade preservar a memória das vítimas, ela não é imune ao tempo. O que pode simbolizar uma segunda morte para os que se foram.

Por outro lado, o Conjunto de Favelas da Maré é agraciado com um desses treze museus que existem no município do Rio. Para além de suas atividades voltadas para a educação, arte e cultura, o Museu da Maré se destaca pela exposição permanente chamada “Maré em 12 Tempos”, que para além de fotografias e itens antigos, apresenta uma palafita de madeira em tamanho real que faz com que moradores mais velhos recordem suas vivências e os mais novos descubram suas origens através de uma história que a grande mídia nunca quis contar.

A IMPORTÂNCIA DA PRESERVAÇÃO DA MEMÓRIA

No dia 27 de julho deste ano, a jornalista e escritora Eliana Alves Cruz comemorou o fato de estar presenciando um movimento contrário ao da árvore do esquecimento, um processo de apagamento da memória dos povos africanos escravizados no Brasil. Afinal, nesse dia havia sido inaugurada, em praça pública, a estátua de uma mulher negra, favelada e representante da pauta LGBTQIA+.

Tanto a inauguração da estátua de Marielle Franco quanto a existência do Museu da Maré, são provas de que, apesar de ser um direito nosso, a permanência da memória só se dá com muita luta e sacrifício, porque a tão chamada “Cidade Maravilhosa” prefere enaltecer e preservar a história daqueles que escravizaram o país, invés de oferecer o mínimo para os verdadeiros protagonistas deste cenário desigual. A comprovação disso está nos dados: são 129 museus no estado do Rio de Janeiro, mas apenas 13, segundo dados reunidos pela plataforma Museusbr, vinculada ao IBRAM (Instituto Brasileiro de Museus), estão falando das pessoas que realmente precisam ser lembradas.

Foto: Ana Cristina



Estátua Marielle Franco

De punho cerrado, Marielle Franco foi eternizada no Buraco do Lume, no Centro do Rio. Sua história não seria apagada e sim lembrada. “É preciso deixar o vestígio, é preciso docu-

mentar, é preciso lutar para ter a nossa história escrita e registrada. Uma estátua é muito importante, porque é documento”, disse a escritora durante o evento de inauguração.

Museu da Rocinha: Sankofa Memória e História

A vida entre becos e vielas

Por Charlie Gomes

A produção do livro “A participação das mulheres na construção do território, Rocinha e Horto” é motivo de grande alegria à da Rede de Museologia Social do Rio de Janeiro, que promove conexão e troca entre os museus das favelas. O total de mulheres entrevistadas e o resultado da pesquisa no livro mostram a transformação ao longo do tempo no ambiente em que vivem. Cada um de nós tem esse pequeno ‘museuzinho’ no qual, juntos, promovemos essa peça rara e única de cunho público, intitulada por museu.

Apesar de toda documentação do coletivo em dia, há grandes dificuldades. Como

problemas na ausência de um espaço físico para visitação e contemplação das obras, dinheiro para manutenção e aumento de atividades promovidas, além da má interpretação da população periférica no que se diz Sankofa.

O QUE ABORDA E O QUE SE ENTENDE?

“Primeiro quando nós estamos falando de memória, história não é de uma forma saudosista, mas também da importância que é de ter as suas preservadas. As memórias históricas que nós temos oficiais relatam o colonialismo, e os trabalhadores, independente de ser favela, têm as suas histórias contadas. As narrativas, histórias e as memórias dos moradores entre becos e favelas, portas e janelas estão lá, seja ela qual for. Nós não julgamos se é verdadeiro ou falso, e as

narrativas das pessoas traz um outro olhar para realidade da qual nós estamos falando, direito a espaços de memória e história.”, diz Antônio Carlos Firmino, fundador do Museu.

Como conta Firmino, isso mostra o quanto precisamos falar da nossa história, porque tem ausência do poder público em diversas esferas, mas essa relação ao óbvio, que é o direito à memória, retrata algo crucial e emblemático ao negacionismo, que é negar um direito e o acesso de pertencimento ao passado desse povo.

Relata dois crimes, queima de dados para com informações de etnias que ali viveram e o quanto não desejam mostrar o Brasil de fato. Apenas um lado é oficial, esse da narrativa brasileira. Dom João é apresentado para nossa nação e esquecem de mencionar aquele senhor Amarildo, trabalhador de uma pátria que não é mencionada e muito menos retratada.

Cadê o Amarildo?

Charlie Gomes

A pergunta “Cadê o Amarildo?”, entra ano e sai ano, permanece ecoando na

mente de uma família inteira por solução de reposta, mas até o presente momento sem retorno. Quanta passividade e omissão, uma vida tão barata

que entra em dados de governo. Isso diz que pouco se importam em entender de fato o que aconteceu naquele dia.

Por que não querem saber

de vida humana, ainda mais essa que não tem fama e dinheiro, quem dirá dessa casa cultural, expositora e histórica? Porque toda vida é uma

história que precisa ser narrada e todo museu retrata desse alguém que construiu ou mudou uma história, mas precisa ser eternizada, lembrada.

EDUCAÇÃO

EDUCAÇÃO NA PANDEMIA

A escola em perigo

Os ricos avançam na destruição de uma educação para a vida

Por Joseilton Soares Mendes, Marli Rodrigues da Silva e Camila Haddad de Marinho

Vivemos dias mais difíceis desde que foi declarada a pandemia do Covid-19 pela Organização Mundial de Saúde (OMS). Escolas foram fechadas, muitos trabalhadores foram demitidos, outros tiveram suas relações de trabalho mais precarizadas. Os ricos nunca ganharam tanto dinheiro quanto neste período! Eles aumentaram o nível de exploração sobre a classe trabalhadora como em nenhuma outra época. As tragédias são lucrativas para os capitalistas - bancários, donos de grandes extensões de terra, grandes empresários do comércio de supermercado, redes de alimentação, restaurantes. Além, claro, do aumento da exploração dos trabalhadores que trabalham momentaneamente para Ifood, Rappi e outros.

Muitas foram as atividades atingidas pela pandemia, lembrando que os problemas que as escolas enfrentam são constantes. Esse é o objetivo central de nossa leitura aqui, tendo em vista que a educação é um instrumento de mudança de vida, de chance de conseguir um melhor emprego e salário.

O professor Darcy Ribeiro, certa vez disse que “a crise na educação não é crise; é um projeto”. Todos os dias essa

frase se torna mais visível, mais real. Com a emergência do Covid-19, foi preciso o distanciamento social, o fechamento de escolas aconteceu logo no início. Os alunos do ensino fundamental e médio, tiveram que ir para um mundo no qual não estavam preparados. Ir para a internet, agora para estudar. Os problemas foram muitos. Alunos que não tinham acesso à internet, que não tinham aparelhos para acessar a internet, uma moradia digna para estudar em casa, um local da casa para estudar. A alimentação foi outra barreira. Com a política econômica de aumento dos preços de alimentos, ter o que comer se tornou algo cada vez mais complicado.

A BNCC E A REFORMA DO ENSINO MÉDIO

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC), recentemente aprovada, é voltada exclusivamente para uma visão de relação de mercado na sociedade, não para a construção de uma educação que nos abra oportunidade de conhecimento. A concorrência será o foco desta educação. A lógica da sobrevivência. A escola tem de formar um espaço para construção de uma outra relação social e não reproduzir aquilo que se vê no trabalho. Concorrência entre os trabalhadores, onde a ideia do melhor vence, do mais preparado ganha. Isso é uma ideia de meritocracia, que exclui o aluno mais pobre, impossibilitando que ele tenha condições de concorrer com aqueles da classe média, por exemplo.

Entrevista: Os desafios do ensino remoto

- Qual a dificuldade enfrentada pelo professor durante a pandemia no ensino?

Foram muitas dificuldades, destaque, no entanto, a dificuldade de adaptação ao novo ensino remoto, considerando que toda a aparelhagem para o desenvolvimento do mesmo era nossa e não tivemos qualquer auxílio nesse sentido. O mesmo posso dizer em relação à produção de material didático. Outra dificuldade foi constatar um bom percentual de estudantes que não tinham acesso às aulas on-line, e nada podíamos fazer em relação a isso.

“O acesso foi impossível para um bom percentual dos estudantes que não possuíam os aparelhos para conexão, que não tivessem acesso às redes para tal.”

- Como era a organização do professor e do aluno para as aulas online?

Os estudantes só se manifestavam através de trabalhos. Muitos estavam presentes, mas fazendo outras atividades no decorrer das aulas, visto que não abriam suas câmeras, quase todos agiam assim. A maior dificuldade do professor era justamente a adequação do material didático para essas aulas e procurar apreender o máximo possível a atenção dos estudantes.

- Como a falta de aparelhos conectados à internet impactou no acesso dos alunos no ensino remoto?

O acesso foi impossível para um bom percentual dos estudantes, que não possuíam os aparelhos para conexão, quer não tivessem acesso às redes para tal. Essas deficiências técnicas e sociais prejudicaram muito o aprendizado e acabou depreciando o nosso trabalho. O percentual de estudantes que não frequentavam as aulas foi da ordem entre 25% a 30%.

- Quais os pontos positivos e os negativos do on-line e do presencial para o aprendizado do aluno?

Como ponto positivo do on-line destaco a facilidade do contato, podendo ser utilizado como uma ferramenta de auxílio e suporte ao ensino presencial. Como ponto negativo destaco a dificuldade de acesso de muitos estudantes, as questões sociais preexistentes que dificultam a aquisição de aparelhos e assinatura de redes, a inadequação de muitos professores a esse novo tipo de aula e a inexistência de uma estrutura que possibilite um melhor desenvolvimento do nosso trabalho.

Como ponto positivo do presencial, destaco o contato direto com os estudantes, o que possibilita detectar suas dificuldades e procurar saná-las. Por outro lado, trata-se de uma forma de trabalho que está mais adequada às nossas necessidades atuais, com a qual já estamos acostumados. Como forma negativa, destaco a inadequação do presencial para períodos de crise, como essa última pandemia. Por isso, defendendo que o ensino remoto seja desenvolvido de forma a servir como uma ferramenta de auxílio ao presencial e substituí-lo, em melhores condições do que foi feito, quando houver uma crise como essa pandemia.

Foto: Reprodução Facebook



Wolney Malafaia, professor de História do colégio Pedro II, fala sobre a experiência de dar aulas durante a pandemia

EDUCAÇÃO

DESAFIOS DA EDUCAÇÃO

Cortes no orçamento

Fim de bolsas e auxílios aumenta a evasão no ensino superior

Em 2022 as notícias de cortes orçamentários na educação têm assustado as universidades de todo país. O Ministério da Educação anunciou um bloqueio de 14,5% do orçamento, isso representa em torno de R\$ 3,2 bilhões. As instituições têm tido dificuldade para pagar contas básicas como água, luz, segurança e limpeza. Além de gerar um grande depredamento na parte física das instituições, também gera corte de bolsas de cotas, pesquisas, transportes e auxílios. Isso tem refletido diretamente nos alunos, na qualidade de ensino e na permanência destes na universidade e afetado áreas importantes do funcionamento das instituições de ensino. Muitas, que mesmo sendo consideradas de excelência, com profissionais qualificados e à frente do desenvolvimento de pesquisas que têm ajudado no combate à pandemia, desenvolvimento de vacinas, remédios entre outros, continuam sendo sucateadas e destruídas pelo governo como projeto de desmonte da educação pública.

O período de pandemia só intensificou muitas dessas dificuldades, uma vez que durante a necessidade de aulas remotas muitos alunos tiveram dificuldade de acompanhar já que, além de terem que arrumar trabalho para complementar a renda em casa, não possuíam equipamento e espaço adequado. Outros se veem perdidos no retorno às aulas presenciais, já que tiveram que se mudar para longe das instituições por falta de dinheiro e oportunidade e, sem auxílio transporte e moradia, não conseguem chegar à sala de aula.

Entre 2020 e 2021, o governo Bolsonaro não destinou verba ao Programa Nacional de Assistência Estudantil, que tem como objetivo incentivar a permanência na universidade de estudantes indígenas e quilombolas ou em situação de vulnerabilidade econômica. O corte de gastos com a educação superior torna cada vez mais difícil a entrada e permanência dos alunos de baixa renda e periféricos, tornando a universidade ainda mais elitizada e segregada.

OPINIÃO: MILITARIZAÇÃO NAS ESCOLAS

Nosso dever é lutar contra as escolas cívico-militares

Por Augusto Rosa, professor de Sociologia e Coordenador Geral do SEPE Lagos

O início do debate sobre militarização das escolas carece de uma precisão histórica maior que eu não me proporei a desenrolar nesse curto texto. A presença de escolas militares ou militarizadas, sejam das forças armadas ou financiadas e administradas pela polícia Militar em diversas experiências pelo país já era por nós conhecido há muitos anos. O que talvez tenha de mais novo e preocupante nesse tema é a massificação da discussão da militarização de alguns anos pra cá, associada a uma proposta de resgate de uma identidade autoritária que não é exclusiva, mas nitidamente relacionada, com uma polarização de disputa do Estado burguês por projetos eleitorais antagonônicos, a partir das eleições nacionais de 2018. Com avanço do conservadorismo essa discussão da militarização das escolas foi tomando uma direção que nada tem relação com um debate pedagógico da escola.

É importante situar que essa discussão das “escolas-cívico militares”, nada tem a ver com as escolas militares, como os tradicionais colégios militares bancados pelas forças armadas que tentam produzir quadros de carreira, como o colégio Militar do Rio, o primeiro em funcionamento desde 1889. Somado a alguns outros espalhados pelo Brasil, cerca de 14, são todos esses administrados pedagógica e financeiramente pelo exército Brasileiro. Isso não tem a menor relação com esse projeto de “escolas cívico-

co-militares”, vociferado aos quatro cantos do país, como uma espécie de farol conservador de solução das mazelas da educação pública Brasileira e administrado pelas Polícias Militares.

Esse projeto engana pais, responsáveis e alunos que acham que terão estrutura semelhante às escolas militares citadas acima. Ainda se iludem como se essas servissem como cursos preparatórios para que os jovens sigam uma carreira estável de serviço público dentro do militarismo. Não são poucos os que procuram essas unidades de ensino, das redes municipais e estaduais pelo Brasil afora, a partir dessa impressão enganosa, que não tem o menor esforço de ser desmentida pelos defensores desse projeto.

O que temos na verdade são escolas públicas com estrutura, salários e os mesmos profissionais regulares do restante da rede. Há a contratação de militares da reserva com gordos adicionais financeiros em seus contracheques, mas esses não administram e nem sequer lecionam pros alu-

nos dessas unidades de ensino. A diferença de fato nessas escolas é a disseminação de uma ideologia militar ou “militarizante”, de que pelo simples fato do ensinamento de alguns elementos da “doutrina militar” afirma transformar automaticamente a qualidade da educação. Uma ideologia da obediência, colocada de forma conservadora, rechaçando debates como os de gênero, raça e classe, além do combate ao pensamento científico como balizador da escolarização.

Na tentativa de dar um ar de melhoria, muitas vezes são escolhidas escolas com menores índices de violência e estrutura menos precária, para tentar facilitar alguma suposta “melhoria de desempenho”.

Essa proposta é conservadora, sem nenhuma justificativa pedagógica, e uma defesa de que a militarização de todos os espaços públicos estabelece soluções simples para os problemas sociais. Por isso, como educadores, comprometidos com a classe trabalhadora, devemos combater esse projeto.



VIOÊNCIA CONTRA A MULHER

ÓDIO ÀS MULHERES

Uma face cruel da realidade brasileira

A violência contra a mulher se expressa de diversas formas e em diferentes fases da vida

Por **Kênia Rosa Cardoso,**
Julia Labanca
e **Rita Cristina Valente**
de **Oliveira**

No início deste ano, uma criança de 11 anos foi vítima de abuso sexual e engravidou. A gravidez só foi descoberta na 22ª semana de gestação. Ao procurar atendimento no sistema público de saúde e justiça, a menina foi impedida de realizar o aborto e ainda foi submetida a diversas violências dos órgãos e poderes que deveriam protegê-la. De acordo com a Constituição brasileira, é dever da saúde pública garantir que a criança tenha interrupção segura da gravidez e acompanhamento psicológico necessário.

Não é fácil recontar essa história de profunda violência e revitimização de uma criança e sua família.

Mas é fundamental entendermos, através desse caso, como há um sistema que garante e materializa as formas de violência à mulher amparado pelo incentivo governamental ao ódio às mulheres.

Em 23 de junho, o Portal JUS publicou o índice de violência doméstica no Brasil em 2021 pelo Data-Senado. A matéria menciona que muitas pessoas lembram apenas de agressões físicas quando se fala em violência doméstica. No entanto, ela pode ser muito sutil na prática, mas não menos dolorosa ou perigosa. E con-

clui que a percepção das mulheres sobre a ocorrência da violência doméstica mudou: 86% das entrevistadas declararam que a violência contra a mulher cresceu em 2021.

Violência, desemprego, empobrecimento, fome e sobrecarga doméstica: palavras que representam os dois anos de pandemia para as mulheres brasileiras, principalmente as negras e moradoras de periferias.

O desemprego feminino é 46,7% maior que o masculino e muitas seguem trabalhando na informalidade. Além disso, existe uma diferença salarial entre gêneros de, em média, 20,5%. É a serviço dessa superexploração que o machismo trabalha. Por trás de piadas e o clichê do macho armado, temos um presidente que defende a redução da licença maternidade, que

Números da violência contra a Mulher no Brasil

Números oficiais do anuário de segurança pública apontam que em média, 1 mulher é morta, a cada 8 horas no Brasil.

2018

1.206 feminicídios

2019

1.326 feminicídios
Crescimento de 7,1%

2020

1.354 feminicídios
Crescimento de 1,9%

Cerca de 17 milhões de mulheres sofreram violência física, psicológica ou sexual durante a pandemia.

2021

1.341 feminicídios

2022

Apenas no primeiro semestre de 2022, o 190 atendeu no estado a 7 ocorrências por hora. Só no estado do Rio de Janeiro, os números oficiais saltaram em 20% em 10 anos.



Nacionalmente, as chamadas para o 190 cresceram em 4%, e assim segue o aumento de outras violências: ameaças (3,3%), agressões físicas (0,6%), estupro (3,7%), assédio sexual (6,6%) e importunação sexual (17,8%).

diminuiu o orçamento da Secretaria da Mulher, que defende a educação domiciliar - um verdadeiro

paraíso para pedofilia e violência à mulher, que, em sua grande maioria, acontece dentro de casa.

MEIO AMBIENTE

DESTRUIÇÃO NA REGIÃO DOS LAGOS

Ameaça ao maior observatório de aves do Estado

Empresários de Cabo Frio estão destruindo o Mangue da Ogiva

Por **Narcisa Maria,**
Vânia Farias, **Rafael**
Arcanjo, **Juliana**
Elianay, **Ricardo**
Malagori, **Thais**
Fagundes, **Rodrigo**
Pereira e Augusto
Rosa

Na Região dos Lagos, no Rio de Janeiro, o ataque ao meio ambiente se expressa na descaracterização do território quilombola de Maria Joaquina, na destruição das Dunas do Però e, mais recentemente, na ameaça dos empresários e da prefeitura de Cabo Frio ao bioma do Mangue da Ogiva.

Parte importante da Lagoa de Araruama, o Mangue da Ogiva foi entregue, há mais de oitenta anos, para ser aterrado e explorado como salina pelo antigo empresário Henrique Lage, cuja fortuna perdura até hoje no setor salineiro, sobretudo na Região Nordeste do país.

Porém, após a desativação das salinas, esse território passou a ser objeto de disputa. Ambientalistas e moradores de um lado, e de outro, empresários que almejam construir condomínios na área. Atualmente, o território está sob controle ilegal da família

Osanã, uma das mais ricas de Cabo Frio, que também é proprietária do aterro sanitário do município.

ÓRGÃOS DE FISCALIZAÇÃO NÃO FUNCIONAM

Os predadores ambientais têm o apoio do prefeito de Cabo Frio, José Bonifácio (PDT) e do INEA (Instituto Estadual do Ambiente, órgão do Governo do Estado do Rio vinculado à Secretaria de Meio Ambiente). Órgãos que deveriam proteger e fiscalizar, tendo em vista que esse bioma possui uma enorme importância para a regulação

da drenagem no município, evitando alagamentos nos bairros próximos, além de constituir uma área que abriga uma fauna e flora extremamente diversa, incluindo muitas espécies sob ameaça de extinção.

Os empresários argumentam terem direito a esse território desde a década de 1970, apresentando um documento de compra e venda e sobre esse ponto. Os grupos mobilizados na defesa do Mangue duvidam da veracidade da documentação.

Por se tratar de terras públicas, questionam: que direito a iniciativa

tem de explorar estes territórios?

A população tem reagido aos ataques com ações na justiça e uma intensa mobilização social na região. Denúncias em redes sociais também têm sido constantes. O poder público, sobretudo a prefeitura de Cabo Frio, ignora os apelos populares, e a especulação imobiliária tem ganhado essa queda de braço. Documentos da década de 70 têm sido apresentados pelo grupo imobiliário Viverde Marina. A população contesta a legalidade dessa documentação. Enquanto isso, o berçário segue ameaçado.

CONJUNTURA

O BRASIL EM 10 ANOS

Dos 20 centavos à fila do osso

Estamos há quase 10 anos de junho de 2013: desde lá, o que aconteceu com o Brasil?

Por Vitor Mariano e Luiza Rocha da Silva

Os dez últimos anos não foram fáceis para o brasileiro. Para entender onde estamos, precisamos saber como chegamos até aqui. A década que ficaria marcada pelos megaeventos como Olimpíada e Copa do Mundo, terminou com milhões de brasileiros passando fome.

A crise que passamos hoje, não é de agora. Ela se arrasta desde 2008, em que o presidente disse que a crise era uma “marolinha”. Essa “marolinha” ganhou força e somada a gastos astronômicos para garantir a Copa e as Olimpíadas, desencadearam uma profunda crise.

De lá pra cá, com uma necessidade cada vez maior de aumentar os seus lucros, os grandes empresários tinham que fazer alguém pagar a conta dessa crise. E, é claro, o trabalhador foi escolhido.

2013, 20 CENTAVOS

Com o aumento da crise, o setor de transporte vinha praticando aumentos abusivos. Isso levou a uma série de mobilizações pelo país inteiro em 2013, impulsionadas pelo Movimento Passe Livre, pedindo a redução do valor da tarifa no transporte público. Em diversos estados este movimento foi sendo vitorioso e trazendo consigo uma série de outras demandas.

Diversas categorias profissionais entraram em greve, tanto por demanda própria,



Montagem: Aneci Palheta

(IN)DEPENDÊNCIA PRA QUEM?

28º Grito dos Excluídos questiona bicentenário da Independência do Brasil

A tradicional manifestação popular Grito dos Excluídos ocorre anualmente desde 1995 no dia 7 de setembro. Este ano levanta o tema “(IN)DEPENDÊNCIA PRA QUEM?”, questionando a dependência política, social e econômica aos interesses das mega empresas.

como os garis em fevereiro daquele ano, mas também se colocaram contrárias à grande repressão da polícia em cima das manifestações pela redução das tarifas.

Todo esse movimento começou nos primeiros meses do ano de 2013, e culminou no mês de junho, quando cerca de 5 milhões de pessoas no país inteiro protestaram para além do preço das passagens, mas também contra o aumen-

to do custo de vida. Um dos famosos cartazes das mobilizações da época retrata esse sentimento: “não é só por 20 centavos!”

Os setores conservadores da sociedade, se aproveitaram das manifestações para endurecer a oposição ao governo, com interesse na eleição de 2014, mas não tiveram sucesso. De todo modo, isso abriria um novo capítulo para o Brasil.

Em conversa com moradores da ocupação Manoel Congo, perguntamos o que representa a Independência do Brasil para eles:

“Eu guardo boas memórias da infância, na época da escola, em que a gente marchava na rua com a bandeira e tinha orgulho, mas depois isso acabou. É como se a gente não conseguisse mais enxergar essa pátria como nossa, uma ilusão” - Wilson.

“Um país independente pra mim seria um que pudesse me dar ao menos condição de trabalhar pra poder criar meus filhos, nem isso a gente consegue” - Raquel.

“O que eu fico mais chateada é que até isso eles conseguem tirar da gente, a nossa capacidade de sonhar, sequestram os nossos símbolos, tiram até a nossa subjetividade, é como se a gente tivesse que viver pra trabalhar e pra comer, sem ter tempo pra viver e principalmente se organizar” - Lurdinha.

IMPEACHMENT E A “PONTE PARA O FUTURO”

A derrota na eleição de 2014, desagradou o Capital Internacional. Era preciso garantir as perdas dos empresários durante as crises desde 2008. O aumento da exploração e retirada de direitos dos trabalhadores era a moeda de troca. O governo era muito resistente a essas mudanças, então foi preciso mudar o governo.

No ano de 2016 a presidenta Dilma sofreu impeachment e Michel Temer assumiu. O seu programa “Ponte para o Futuro” nada mais era do que medidas que buscavam favorecer as mega empresas para cobrar a conta da crise.

Reforma da Previdência, Reforma Trabalhista, corte de gastos públicos, privatização das Empresas Estatais. A receita começa a ser aplicada e começa a resistência. Michel Temer, antes vice de Dilma, não tem força política

para implementar um programa duro e a resposta dos movimentos sociais retarda algumas políticas mais drásticas.

Mas uma outra saída já estava sendo planejada.

DA LAVA JATO AO BRASIL DE BOLSONARO

Para que o programa de retirada de direitos fosse garantido, era preciso que o próximo governo estivesse alinhado a esse programa. Mas tudo indicava uma continuidade do campo progressista no governo. Era preciso tirar o PT da disputa.

Com fama de super herói, Sérgio Moro chefiava a operação Lava Jato, uma das maiores operações de combate à corrupção do Brasil. Com foco no então líder nas pesquisas, o ex-presidente Lula, as investigações levam à sua prisão e impossibilidade de disputar a eleição.

Fruto de uma insatisfação geral com o sistema político, Bolsonaro é eleito sustentado por uma base social de extrema direita. A política econômica do governo favorece grandes empresários, fazendeiros e banqueiros. Mas nem ele consegue cumprir a risca o programa do Capital.

A pandemia da Covid-19 escancarou a total incapacidade deste governo de garantir condições mínimas de sobrevivência para a população. A falta de empatia com o sofrimento de mais de 600 mil famílias que tiveram parentes mortos, revela, além de tudo, um caráter perverso deste governo.

O desemprego cresce a cada dia. A inflação corrói os salários e os que mais sofrem com isso são os trabalhadores e os mais pobres. A luta de milhões de brasileiros é para não passar fome. O Brasil é o terceiro maior produtor de alimentos do mundo, mas, enquanto isso, as pessoas estão na fila do osso nos mercados.

CULTURA

Hip hop também é democracia

Poesia, dança, pintura e música: o hip hop tem tudo isso

Por José Ivo de Medeiros e Márcia Santos Pereira

O Hip Hop surgiu na periferia de Nova York, entre as comunidades caribenhas, afro-americanas e latino-americanas, na década de 1970, em um contexto social de violência e criminalidade. A única forma de lazer possível para os jovens era nas ruas.

Eles encontraram na música, poesia, dança e na pintura uma forma de manifestação de sua realidade e contestação.

Hoje, esta é uma arte enraizada no nosso país, principalmente nas nossas comunidades e quebradas.

Mas antes, desde os anos 1970, a mídia no Brasil se apropriou desse estilo e passou a comercializá-lo, projetando o estilo "Black Power", com Gerson King Combo. Uma espécie de James Brown à brasileira.

O Rio de Janeiro, por concentrar a maior mídia de massa da época, aglomerava grandes equipes de som, como as "Soul Grand" e "Furacão 2000", com realização de grandes bailes na zona sul e no subúrbio da cidade.

A imprensa batizou este movimento ao orgulho negro de "Black Rio", encantando a década de oitenta sacudindo clubes, discotecas e casas noturnas das grandes capitais brasileiras.

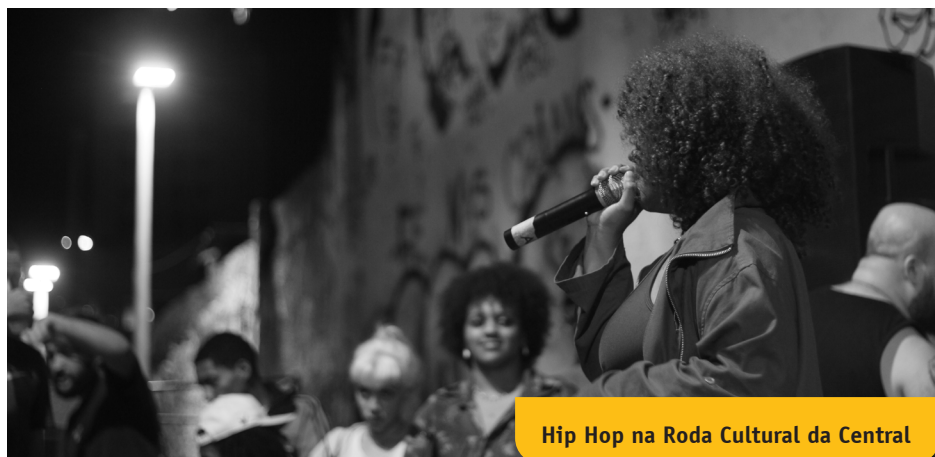
Todos esses ritmos se misturaram e viraram outros, em todo o mundo, inclusive no Rio de Janeiro, ganhando outras formas e caras, como TRAP, RAP, Funk Carioca, LoveSong e tudo isso misturado.

Hoje os jovens pretos do Rio de Janeiro através da arte exaltam a cor da sua pele, cabelo e cultura que foi roubada e enfraquecida com o passar dos anos pela indústria da música. A mostra viva é a ascensão do rapper americano Eminem que cresceu rapidamente na cena, ultrapassando cantores renomados da época que demoraram anos para conseguir tal posição no mercado.

PATRIMÔNIO CULTURAL

Rodas de hip hop e as batalhas de rima agora são Patrimônio Cultural Imaterial do Estado do Rio de Janeiro. A medida foi publicada no Diário Oficial do dia 15/07/22. Há grandes nomes, como a moradora da Zona Norte, Shamilla, que vem se destacando na cena cada vez mais com seu trabalho que enaltece as mulheres e seus valores. O clipe "Saudade me faz" conta a história de um relacionamento conturbado que passou na vida. Outro grande nome, a artista Ebony lançou o seu primeiro EP, Condessa (2020). Aposta do Rap Nacional, a cantora nascida e criada na Baixada Fluminense, chamou atenção dos amantes do ritmo antes mesmo do lançamento de "Bratz", seu primeiro single solo. Cada dia mais as mulheres negras periféricas estão ganhando espaço que são delas por direito! Por isso, o hip hop é um estilo de vida!

Foto: Laís Pinheiro



Hip Hop na Roda Cultural da Central

Teatro para transformação

"Atores somos todos nós, e cidadão não é aquele que vive em sociedade: é aquele que a transforma" (Augusto Boal)

O que é Teatro do Oprimido? O Teatro do Oprimido foi sistematizado por Augusto Boal com o objetivo de proporcionar aos praticantes do grupo a possibilidade de refletirem sobre a opressão de suas realidades e, a partir desse conhecimento, buscar maneiras de superá-las coletivamente.

O público é chamado à ação da própria cena. Esse método retira o espectador da passividade e o

coloca no lugar de sujeito transformador.

A ETP (Escola De Teatro Popular), projeto do Centro de Teatro do Oprimido com a coordenação de Julian Boal e direção artística de Geo Britto, é um espaço de formação teatral aberto aos movimentos sociais. É uma escola militante que forma multiplicadores São os chamados curingas que vão reproduzir a técnica em seu território!

Foto: Adriana Medeiros



Oficina da Escola de Teatro Popular no Quilombo da Gamboa.